

**AS VARIAÇÕES LEXICAIS PARA O CONCEITO DA EXPRESSÃO “DEU
ERRADO” NAS FEIRAS DA MANAUS MODERNA E ZUMBI DOS
PALMARES NO MUNICÍPIO DE MANAUS**

THE LEXICAL VARIATIONS FOR THE CONCEPT OF THE EXPRESSION “DEU
ERRADO” AT THE MANAUS MODERNA AND ZUMBI DOS PALMARES FAIRS
IN THE MUNICIPALITY OF MANAUS

Raynice Geraldine Pereira da Silva¹
Universidade Federal do Amazonas

Jane Antonia Sales Rocha Agassiz²
Universidade Federal do Amazonas

Aline D´ Paula Miranda Silva³
Universidade Federal do Amazonas

Resumo: A presente pesquisa é um estudo investigativo e comparativo sobre a variação lexical relacionada ao conceito da expressão “deu errado” nas Feiras da Manaus Moderna e Zumbi dos Palmares, localizadas na cidade de Manaus, município do Estado do Amazonas. Possui como objetivo geral: Analisar as variantes lexicais encontradas para o conceito da expressão “deu errado” nas áreas escolhidas para composição deste estudo. Usamos como referência estudos de Cardoso (2010), Labov (2008) e Azevedo (2013). Foram selecionados 16 colaboradores, sendo 8 homens e 8 mulheres, na faixa etária de 18 a 30 e 31 a 45. Por meio da pesquisa dialetológica, aplicamos as seguintes perguntas: “Quando algo dá errado em qualquer atividade que está desempenhado, o que você costuma dizer? Quando você percebe que alguma coisa vai dar errado no serviço que seu amigo está fazendo, o que você diz?”. Seguimos as orientações do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) onde desenvolvemos uma pesquisa qualitativa e quantitativa, numa perspectiva diatópica, centrando-se na dialetologia e sociolinguística. Os resultados foram promissores e mostraram que existem várias variantes lexicais do termo “deu errado” e as que foram encontradas são predominantes em um local, revelando, assim, a variação diatópica. Em síntese, foi possível perceber a diferença no comportamento da unidade lexical entre a Feira da Manaus Moderna e a Feira do Zumbi dos Palmares, pois não usamos para composição desta pesquisa somente os critérios de localização geográfica, mas critérios sociais que consubstanciaram os resultados finais do estudo, tais como: sexo, faixa-etária e localização geográfica.

¹ Doutora em Linguística, Universidade Federal do Amazonas. Email: Raynice@ufam.edu.br.

² Mestranda em Letras, Universidade Federal do Amazonas. Email: Janeagassiz@yahoo.com.br.

³ Mestranda em Letras, Universidade Federal do Amazonas. Email: Adpmlira@gmail.com.

Palavras-chave: Variação lexical; Variação diatópica; Conceito de “deu errado”.

Abstract: This research is an investigative and comparative study on the lexical variation related to the concept of the expression “deu errado” in the Manaus Moderna and Zumbi dos Palmares markets, located in the city of Manaus, in the state of Amazonas. Its general objective is to analyze the lexical variants found for the concept of the expression “deu errado” in the areas chosen for this study. We used studies by Cardoso (2010), Labov (2008) and Azevedo (2013) as a reference. We selected 16 informants, 8 men and 8 women, aged between 18 and 30 and 31 and 45. Through the dialectological survey, we asked the following questions: "When something goes wrong in whatever activity you're doing, what do you usually say? When you realize that something is going to go wrong in the job your friend is doing, what do you say?" We followed the guidelines of the Linguistic Atlas of Brazil (ALiB) where we carried out qualitative and quantitative research from a diatopic perspective, focusing on dialectology and sociolinguistics. The results were promising and showed that there are several lexical variants of the term “deu errado” and those that were found are predominant in one place, thus revealing diatopic variation. To sum up, it was possible to see the difference in the behavior of the lexical unit between the Manaus Moderna Fair and the Zumbi dos Palmares Fair, because we didn't use only geographical location criteria to compose this research, but social criteria that substantiated the final results of the study, such as: gender, age group and geographical location.

Keywords: Lexical variation; Diatopic variation; Concept of "It went wrong".

Submetido em 29 de março de 2024.

Aprovado em 13 de maio de 2024.

Introdução

A pesquisa aborda a variação lexical da expressão “deu errado” em duas feiras da cidade de Manaus, e baseia-se nos estudos da teoria variacionista de Labov (2008) e na Dialetoologia Pluridimensional e Relacional de Thun (1995). A dialetologia descreve e situa os usos da língua de acordo com a disposição espacial, histórica e sociocultural. O interesse pelo estudo da diversidade de usos da língua e a evidência de certa preocupação universal com as diferenças dialetais perpassam a história dos povos em todos os momentos, ora como simples constatação, ora como instrumento político, ora como mecanismo de descrição das línguas. De acordo com Cardoso (2010, p.27), “a Dialetoologia identifica, descreve e situa os usos diferentes em que a língua varia de acordo com sua disposição espacial, histórica e sociocultural, respondendo a um pensamento mais amplo”.

A sociolinguística relaciona língua e sociedade, sendo um de seus precursores William Labov, segundo o qual “não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante-ouvinte ideal” (Coelho et al 2021, p. 99), pois não existe um acordo

afirmando entre seus membros na apropriação dos elementos de uma língua, embora compartilhem normas linguísticas estabelecidas, que podem ser observadas em tipos claros de comportamento avaliativo e na uniformidade de modelos abstratos de variação. Assim, é importante, ao estudar a língua portuguesa, levar em conta a sua heterogeneidade.

O interesse pelo estudo da diversidade sobre o uso da língua é histórico, e por esta razão, tende a ser alterada principalmente quando transplantada de uma região para outra, por exemplo: a língua românica oriunda do Latim, quando trazida pelos colonizadores para o novo mundo, diferiam da variedade falada nas metrópoles de origem. Partindo do pressuposto de que a língua sofre alterações constantemente, não só de lugar, mas, de falante para falante, resolvemos pesquisar quais variantes concorrem com a variante de maior prestígio “deu errado” nas feiras localizadas no município de Manaus, e verificar qual a variante que os feirantes utilizam com maior frequência nas feiras de Manaus.

Através dos estudos dialetológicos, sob a perspectiva da Sociolinguística e da geografia linguística, é possível hoje entender as variações que ocorrem em nossa língua. É certo que o léxico representa diversas realidades para uma localidade, entre elas estão os códigos de um determinado grupo e a cultura de um povo. Nesse contexto, encontramos a variação lexical que apresenta o uso de diferentes palavras para expressar um conceito específico:

A língua portuguesa no Brasil sofreu grandes alterações porque teve de ser aprendida por homens de duas raças que falavam línguas de estrutura inteiramente diversa do tipo flexional. Primeiro o índio e depois os negros e desse choque cultural e linguístico surgem novas palavras, a prova é tanta que dependendo da região do Brasil, existem influências mais fortes dos negros e outras regiões dos povos originários. (NASCENTES, 1953, p. 9-10)

Para composição do corpus desta pesquisa, buscamos explicações para as seguintes questões: Quando algo dá errado em qualquer atividade que está desempenhado, o que você costuma dizer? Quando você percebe que alguma coisa vai dar errado no serviço que seu amigo está fazendo, o que você diz? Desse modo, buscamos analisar os dados coletados a luz da dialetologia e da sociolinguística, comparando dados da Feira da Manaus Moderna e da Feira do Zumbi, zona urbana do município de Manaus, com o objetivo de encontrar diferenças lexicais entre os locais pesquisados (critério diatópico), identificando quais variantes são mais usadas por

homens e mulheres (critério diageracional) e por cada faixa etária (critério diageracional), verificando quais os fatores que motivam essa variação. É mister ressaltar que a variação diatópica pode vir acontecer dentro de uma mesma localidade, neste caso, a cidade de Manaus é a unidade. Para Cardoso (2010, p. 49) “a abordagem do espaço físico, porém, tem sido orientada por enfoques diversificados: ora pelo mais geral, ora pelo regional e particularizante, ora assumindo amplitudes maiores e sob perspectivas distintas”. Dentro da dialetologia é possível fazer o confronto de dados linguísticos entre diferentes bairros ou regiões. Essa comparação pode revelar variações dialetais interessantes que refletem a diversidade linguística presente em uma mesma cidade ou área geográfica. Ao analisar as diferenças e semelhanças nos padrões linguísticos de diferentes bairros, os pesquisadores podem identificar características específicas de cada localidade, como termos regionais, pronúncias distintas e estruturas gramaticais peculiares. Esse tipo de estudo contribui para ampliar o conhecimento sobre a variação linguística e a influência do contexto social na forma como as pessoas se comunicam em diferentes comunidades.

A relevância deste trabalho contribuirá com dados inovadores na área da dialetologia e na apresentação de dados de uma localidade pouco pesquisada no que diz respeito aos estudos sobre variação linguística manifestada no nível lexical. Ao analisar as variações linguísticas presentes em uma comunidade, é possível entender melhor a diversidade cultural e social desse local. Isso pode auxiliar na promoção da inclusão e no desenvolvimento de políticas públicas mais adequadas às necessidades linguísticas da população. Além disso, o estudo sociolinguístico pode ajudar a valorizar e preservar as diferentes formas de expressão presentes em uma comunidade, fortalecendo a identidade local. As feiras são lugares muito frequentados e por lá passam pessoas de todos os níveis sociais, religiões, raças, lugar perfeito para estudar as variantes que se apresentam como norma padrão de uso daquele lugar. Nesta pesquisa será apresentado uma reflexão sobre variação linguística. Posteriormente, descreveremos o campo da dialetologia pluridimensional. Em seguida o aporte teórico sobre as variações lexicais e diatópicas, depois os procedimentos metodológicos utilizados no estudo e, por fim a análise dos dados.

As variações lexicais para o conceito do termo “deu errado” nas feiras da Manaus Moderna e Zumbi dos Palmares no município de Manaus.

Lexical variations for the concept of the term "went wrong" at the Manaus Moderna and Zumbi dos Palmares markets in the municipality of Manaus.

1. Variação linguística

O Brasil apresenta uma grande diversidade cultural, diferenças sociais, e a maneira como os povos existentes em nosso território falam é plural. Todas as línguas vivas mudam e essa ideia que a língua é homogênea não se sustenta mais atualmente. A mudança linguística é universal, contínua, gradual e dinâmica, embora apresente uma considerável regularidade. A nossa língua é a mesma, mas, dependendo do lugar ou região, o modo de falar é diferente.

Temos a língua portuguesa como uma entidade social que todos nós, brasileiros, adquirimos como falantes nativos e que nos pertence, como nos pertence a identidade de sermos brasileiros. É essa identidade que nos faz cidadãos de pleno direito neste país. Contudo, num país de dimensões continentais, com uma rica diversidade cultural, mas com enormes diferenças sociais, os falares se realizam de formas também plurais. A língua que falamos é a mesma, isto é, todos nós usamos o mesmo sistema linguístico chamado português brasileiro. A fala de cada um de nós, no entanto, é diversificada, individualizada, heterogênea (BAGNO, 2007, p. 65).

As pessoas de uma mesma comunidade linguística podem até pensar que falam exatamente a mesma língua, mas isso não é verdade. As diferenças linguísticas podem ser percebidas em todas as línguas do mundo, mesmo em pequenas comunidades de fala, nos níveis fonético, fonológico, morfológico, sintático ou semântico.

A língua funciona enquanto muda. (ii) A heterogeneidade não compromete o funcionamento da língua – um sistema homogêneo e invariável é que seria disfuncional em uma comunidade de fala culturalmente diversificada. (iii) A variação faz parte do sistema linguístico, que é heterogêneo e composto por regras e unidades variáveis. (iv) A variação é potencialmente a atualização, em cada momento que se considere a língua, dos processos de mudança em curso no seu devir histórico (mudança implica variação, mas variação não implica necessariamente mudança). (v) A variação não é aleatória. A análise sincrônica dos condicionamentos estruturais e sociais da variação é capaz de revelar os mecanismos que atuam na implementação dos processos de mudança que afetam o sistema da língua. (vi) A mudança linguística pode ser estudada diretamente através da análise da variação observada em cada estado de língua (LUCHESE, 2012, p. 17).

Portanto, pensar a língua como algo imutável é ligar esse pensamento a gramática tradicional (textos clássicos), que remonta a Grécia antiga, onde estavam preocupados em explicar a linguagem usada nos textos dos autores clássicos e preservar a língua grega em vista do mau uso corruptível, pois era considerada a mais pura, a mais correta acima de qualquer outra linguagem.

Devido ao fato das questões que envolvem a heterogeneidade da língua, serem usadas de diversas formas essas variações não podem ser vistas como um erro. Segundo Tarallo (1986, p. 08) as “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística”. Nesse sentido, a Teoria da Variação considera que a língua dentro de um contexto sociocultural, é uma forma de explicar a heterogeneidade que surge nos concretos usos extralinguísticos.

Essa variação acontece, portanto, em qualquer língua viva do mundo. O português falado em nosso país apresenta um conjunto de variedades linguísticas. Essas variações podem ser observadas na pronúncia de palavras, na escolha de determinados termos e até mesmo na estruturação das frases. Por exemplo, a forma como as vogais são pronunciadas pode variar significativamente de região para região, assim como o uso de expressões e gírias típicas de cada localidade. Essa diversidade linguística é parte fundamental da identidade cultural do Brasil e contribui para a riqueza da língua portuguesa falada no país. Por isso, não podemos afirmar que determinada comunidade de fala ou seus falantes de maneira individual “falam errado”, se afirmamos isso, estamos ignorando os vários dialetos e variedades linguísticas existentes em nosso território.

Para ajudar nessa compreensão e tornar os estudos mais precisos em relação a essa variação linguística entre os falantes, entra a sociolinguística, cuja função é ajudar a compreender a língua através de sua relação com a sociedade, de como ela varia de acordo com o local e o contexto que o seu falante está inserido. A partir da sociolinguística é possível estudar a variação linguística, através de sua relação com a sociedade, definindo os parâmetros sociais, como: faixa etária, sexo, escolaridade, profissão etc., e assim investigar em quais desses grupos de fatores acontece a variação. Um exemplo que podemos citar é a fala dos jovens que têm como características as gírias inerentes da idade específica e da época (já que ela muda com o tempo). Quando falamos sobre a questão de sexo, de acordo com Araújo (2019), as mulheres são mais contidas, privilegiam as variantes de maior prestígio, portanto, são mais tradicionais na maneira de falar, enquanto os homens estão mais sujeitos as mudanças linguísticas, ou seja, usam as variantes menos prestigiadas.

Polguère (2018, p. 38), define a variação linguística através de cinco eixos: 1) variação geográfica que está relacionada a regiões ou países específicos; 2) variação de contexto de interação social, que está relacionada ao ambiente em que o indivíduo cresceu; 3) variação de temporalidade, também denominada de variação diacrônica, relacionada às mudanças pelas quais a língua passa no decorrer do tempo; 4) variação de campo de conhecimento, que é conhecida como língua utilizada em textos ou em uma conversa de caráter científico ou técnico; 5) variação diamésica, também conhecida como variação de modo de comunicação. Essa variação corresponde especialmente à distinção entre fala e escrita. Além desses, temos ainda variações nos níveis morfológico, sintático, semântico e lexical etc.

A sociolinguística variacionista propõe estudar a língua de maneira heterogênea, proporcionando a compreensão das diversas formas linguísticas condicionadas por divergentes espaços geográficos, níveis de formalidade, classes sociais, comunidades etc. Isso mostra que não podemos analisar a variação sem considerarmos os fatores extralinguísticos, pois estão intrinsecamente relacionados à variação.

1. Dialetoлогия

De acordo com Cardoso (2010), “a dialetologia é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (Cardoso, 2010, p.15). Descreve comparativamente os diferentes dialetos existentes em uma língua e estabelece suas fronteiras geográficas, ou descreve um dialeto tomado isoladamente. Estuda os fenômenos de diferenciação dialetal. (Cardoso, 2010, p. 15). Estudando sobre os dialetos existentes em nosso país, encontramos um arcabouço metodológico que fundamenta nossa pesquisa sobre a dialetologia pluridimensional, voltado para a perspectiva dos veios sociolinguísticos, tais como: Variação diageracional, variação diagenérica, variação diatópica, as quais serão constantes em nosso trabalho.

Os estudos dialetais como ciência iniciaram com a chamada dialetologia monodimensional, conhecida também como tradicional. Inicialmente, era levado em consideração somente o espaço geográfico, o local (dimensão diatópica). Segundo Cardoso (2010, p.27), a visão diatópica demonstrava que não estava sozinha, mas

acompanhada de uma perspectiva social no seu processo de construção, seguida também pela geolinguística. A partir desta nova visão, a sociolinguística ganha lugar, pois a língua muda não só no tempo e no espaço, mas também entre os falantes, dependendo em qual contexto está inserido, essa mudança sempre será contínua e a necessidade de olhar para esses parâmetros sociais é indispensável. E dentro desta perspectiva surge a dialetologia pluridimensional, que vai olhar para esse falante ou comunidade de fala com uma visão ampla, ou seja, quem é esse falante? É homem ou mulher? Em qual idade ocorre o fenômeno da variação e qual sua frequência? Qual nível de escolaridade esse falante pertence? Enfim, o lado social que envolve esse falante agora é importante ser levado em consideração, pois dependendo do grupo social em que está inserido, o falante monitora a fala ou se expressa sem restrições. Então, os fatores sociais se tornam parte importante para coleta de dados dos nossos estudos.

Por isso, a dialetologia vem buscar, prioritariamente, estabelecer relações entre modalidades de uso na língua ou de várias línguas, ou seja, identificação dos mesmos fatos, pelo confronto presença/ausência de fenômenos considerados em diferentes áreas. Esse objetivo faz com que estes estudos na área dialetológica se tornem, de início, ciência da variação espacial (Coseriu apud Cardoso, 2010, p. 45). Em referência aos estudos dialetais, vimos que não está restrita a visão diatópica, mas intrinsecamente ligados às dimensões sociais que compõe a metodologia pluridimensional. Vejamos as dimensões sociais que estarão presentes em nossa pesquisa:

1.1 Variação diatópica

A variação diatópica (do grego, *topos* = lugar), ou seja, está relacionada ao ponto de pesquisa e aos processos de reconhecimento da norma linguística de uso do que possa ser aceitável em relação à língua padrão em diferentes regiões ou lugares distintos, ou seja, essa preocupação acontece porque os seres humanos se situam, inevitavelmente nos espaços geofísicos, seja pela língua e suas variedades, ou pelas implicações culturais a que estão sujeitas e evidentemente as refletem nesse território que eles ocupam. E esse espaço escolhido para viver, possibilita através da fala identificar a origem de uma pessoa através dos usos peculiares de padrões lexicais, entonações e, principalmente os traços fonológicos diferenciáveis. Cardoso (2010, p. 48). Temos um exemplo bem claro da variação diatópica que é o modo de falar rural e do falar urbano. A abordagem do espaço físico, porém tem sido orientada por enfoques

diversificados: ora mais geral, ora pelo regional e particularizante, ora assumindo amplitudes maiores e sob perspectivas distintas.

1.2 Variação diagenérica

O gênero, sempre foi uma preocupação dos dialetólogos, pois desde cedo eles perceberam uma diferença em relação ao uso linguístico entre homens e mulheres. Preti (2000, p. 27) afirma que “a oposição da linguagem do homem/linguagem da mulher pode determinar diferenças sensíveis, em especial no campo do vocabulário, devido a certos tabus morais (que geram os tabus linguísticos)”. No entanto, essa oposição aos poucos está mudando, visto que principalmente nos grandes centros urbanos, onde os meios de comunicação em sua totalidade se apresentam de forma constante, acontecem transformações dos costumes e padrões morais, especialmente com a presença mais constante das mulheres em funções que até então eram ocupados somente por homens. Essas condições culturais mais evoluídas, os movimentos feministas, dentre outros, são pontos que tem igualado a fala feminina com a masculina sendo quase que imperceptível essas diferenças.

1.3 Variação diageracional

A preocupação com a idade dos colaboradores já aparece em Rousselot (1891), ele chamava a atenção para o fato de que “o conhecimento da idade dos falantes observados é indispensável para que possam comparar as divergências existentes entre o falar dos jovens e aquele dos idosos, e determinar o seu ponto de origem”. (Pop, 1950, p. 43). Portanto, a variação etária ganha ao longo dos tempos importância dentro do processo de pesquisa, porém foi preciso chegar ao século XX para vim dispor de cartas que documentem os fatos relacionados e identificados com colaboradores selecionados segundo a faixa etária (Cardoso, 2010, p. 51).

1.4 Variação Lexical

Conhecer uma língua é conhecer o léxico, a cultura, costumes, seu modo de viver, modo de falar e demais coisas que cercam o ser humano. A partir do momento que o homem domina os itens lexicais, ele consegue significar o mundo, as suas emoções e suas particularidades. O conhecimento do léxico permite compreender o universo a partir de uma ordem cronológica histórico-social. A partir do século XX, o estudo das

línguas, seja do ponto de vista do significado, seja do significante foi reconhecida como ciência, a qual foi denominada de Lexicografia.

Em nossa pesquisa vamos trabalhar com a variação lexical da expressão “deu errado”, expressão muito popular no vocabulário amazonense. Em Manaus, por exemplo, encontramos outras variantes que concorrem com o termo supracitado, a saber: “deu zica”, “deu B.O.”, “deu capim na palheta”, “entrou água no motor”, ou seja, as várias maneiras para designar o mesmo termo. Nossa investigação pautar-se-á em descobrir qual/quais dessas variantes se constitui como a norma padrão de uso nas feiras da nossa cidade. A expressão “deu errado” pode ser tranquilamente substituída pelas expressões: “terminou mal”, ou “deu ruim”, mas como os manauaras utilizam muitas expressões regionais voltaremos os nossos estudos privilegiando as expressões linguísticas tipicamente amazonense, que são elementos de referência cultural, sendo estas articuladoras de sentidos de pertencimento e significado e identidade do povo amazonense. De acordo com Tarallo (1986, p. 08), a variação lexical ocorre quando uma mesma realidade é designada por vocábulos diferentes. Neste sentido, assim como salienta Tarallo (2002) a variação lexical materializa o fato de uma variante substituir determinada palavra em um mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade.

Entendemos que léxico está relacionado com a cultura de cada povo, de cada região, de cada estado, de cada grupo social, de cada comunidade de fala, de cada falante, ou seja, em cada lugar do nosso país ocorre a variação lexical, falamos o português, porém, dependendo do lugar uma determinada variante é falada de outro modo, mas tem o mesmo valor que a outra falada em outra região. Exemplo: Na capital do Amazonas o termo que se usa para designar o suco congelado em saquinhos é “dindin”, em Parintins é chamado de “flau”, em Benjamin Constant se chama “curite”, porém, todas as variantes usadas significam a mesma coisa “o suco congelado em saquinhos”, iguaria comum no paladar manauara.

2 Metodologia

Nesta etapa, apresentamos os procedimentos metodológicos percorridos em nossa pesquisa, cujo objetivo é examinar as diferenças lexicais na fala dos feirantes que trabalham na Feira da Manaus-moderna e Feira do Zumbi dos Palmares, todos pertencentes ao município de Manaus, capital do Amazonas. Para a presente pesquisa

selecionamos as seguintes perguntas: “Quando você está fazendo algo e não dá certo, o que você costuma dizer?” ou “quando está trabalhando e não sai do jeito que você quer, o que diz? Pergunta concernente ao conceito de “deu errado” encontrado no campo semântico, “convívio e comportamento social”. Abordamos a variação diatópica, e as de cunho social: local, faixa etária, e sexo.

Para a amostra, foram selecionados 16 colaboradores, sendo 8 homens e 8 mulheres, na faixa etária de 18 a 30 e 31 a 45 anos que trabalham diariamente no local, desenvolvendo várias atividades, sejam de carregadores, feirantes, açougueiros, peixeiros, comerciantes etc. Os quadros que caracterizam o perfil dos colaboradores foram organizados da seguinte forma:

Os colaboradores responderam às perguntas que foram solicitadas por meio de uma entrevista, com gravação de áudio, registrada pelo aplicativo de gravador de voz, baixado no celular moto G-30. Em seguida, foram salvos em pen-drive e HD com os devidos cuidados dos dados. Após esses procedimentos foram obtidos os dados com registros das variantes lexicais para o conceito escolhido “deu errado”. A partir de uma análise, teremos a identificação da motivação que leva o colaborador a utilizar essas variantes.

3 Análise dos dados

A expressão “deu errado” é utilizado para informar que algo que se estava fazendo não saiu conforme o planejado ou de acordo com o que se esperava. Para expressar essa ideia, pode se utilizar várias formas diferentes, usando as variantes que concorrem com essa variável. Com o intuito de identificar e apresentar as variáveis típicas dos falantes manauaras buscou-se investigar a expressão “deu errado” e suas variantes dentro de duas feiras da cidade de Manaus.

No contexto social, podem ser encontradas essas variáveis que são carregadas de particularidades presentes em cada indivíduo, demonstrando sua escolaridade, sexo entre outras características.

Dessa forma, buscou-se analisar as variantes lexicais que foram encontradas em duas feiras situadas nos bairros: Centro e Zumbi dos Palmares. No quadro abaixo são descritas essas variantes e o número de ocorrências durante a pesquisa.

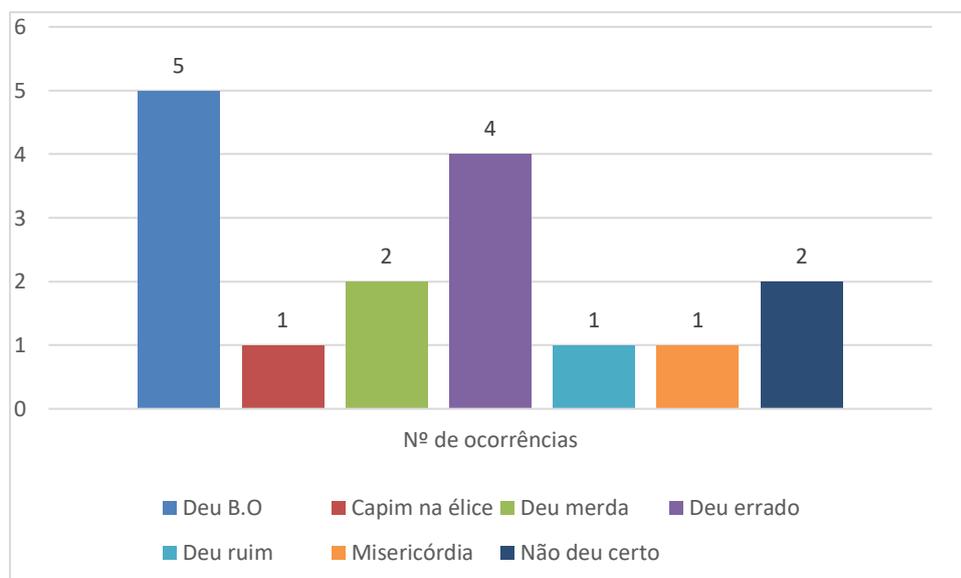
Quadro 1 – As variantes da expressão “deu errado” com número de ocorrência

Variante	Nº de Ocorrências
Deu B.O	5
Capim na hélice	1
Deu merda	2
Deu errado	4
Deu ruim	1
Misericórdia	1
Não deu certo	2

Fonte: Elaboração das autoras

Considerando a questão social e suas motivações, onde Cardoso (2010, p. 29) afirma que: “[...] a preocupação com as características sociais dos colaboradores e suas implicações no uso que fazem da língua não tem passado a margem dos objetivos da dialetologia”, notou-se que nem todas as variantes foram encontradas nas duas localidades, por exemplo “misericórdia” e “não deu certo” foram usadas somente na feira do Zumbi dos Palmares. As variantes “deu errado”, “capim na hélice” e “deu ruim” não foram usadas na feira do Zumbi, foram exclusivas da feira da Manaus Moderna. Além disso, notou-se um uso de variantes mais conservadoras entre as mulheres como: “deu errado” e “deu ruim”. A variante “deu merda” foi usada exclusivamente por homens.

Gráfico 1 – Variações lexicais da expressão “deu errado”



Fonte: Elaboração das autoras

Em nossa pesquisa, procuramos trabalhar com a diversidade linguística que rodeia a expressão “deu errado” e a descoberta das variantes nos trouxe uma reflexão sobre as várias maneiras de se falar a mesma coisa, ou seja, permite que diferentes grupos de pessoas possam se expressar em suas próprias línguas e manter suas tradições e identidades culturais. E essas variedades, existem porque as línguas possuem a característica de serem dinâmicas e sensíveis a fatores como a região geográfica, o sexo, a idade, a classe social do falante e o grau de formalidade do contexto da comunicação, ou seja, um único conceito para várias palavras que podem ser faladas, observadas, e com o mesmo valor de verdade daquela que é usada como norma de uso de um determinado lugar.

De acordo com as informações contidas no gráfico apresentado anteriormente, verificamos de uma forma geral que a variante mais usada com cinco ocorrências foi do termo “deu B.O” que é uma gíria que significa "boletim de ocorrência" termo circunstancial utilizado em delegacias. Significa que algo deu errado, que deu merda, que sujou, que causou grandes confusões. Posteriormente vem a variante “deu errado”, que expressa exatamente o que está querendo ser dito na expressão, ou seja, é aquilo que não deu certo, não funcionou. Em seguida temos duas variantes que tiveram a mesma quantidade de ocorrências: 1) “não deu certo” que significa algo que não tem correção, “deu merda” é uma expressão que significa que algo saiu errado, que algo não deu certo, que algo muito grave aconteceu. Ambas foram citadas duas vezes pelos colaboradores. Posteriormente, temos 3 variantes que foram usadas por apenas um colaborador: “capim na hélice” que significa qualquer tipo de negócio que não dá certo, seguido da expressão “deu ruim” que é uma expressão tipicamente carioca que está pouco a pouco se espalhando para o restante do país, mas, já usado com frequência no norte, especificamente na cidade de Manaus. Por fim, temos a variante “misericórdia” que possui origem latina, é formada pela junção de miserere (ter compaixão), e cordis (coração). "Ter compaixão do coração" significa ter capacidade de sentir aquilo que a outra pessoa sente. Essa variante foi usada por pessoas religiosas, que nos informaram que não “utilizavam gírias” (nome dados as outras variantes apresentadas por nós). A seguir tem-se o quadro que apresenta as variantes utilizadas em cada ponto de inquérito.

Quadro 2 – Mostra das variantes da expressão “deu errado”por localidade

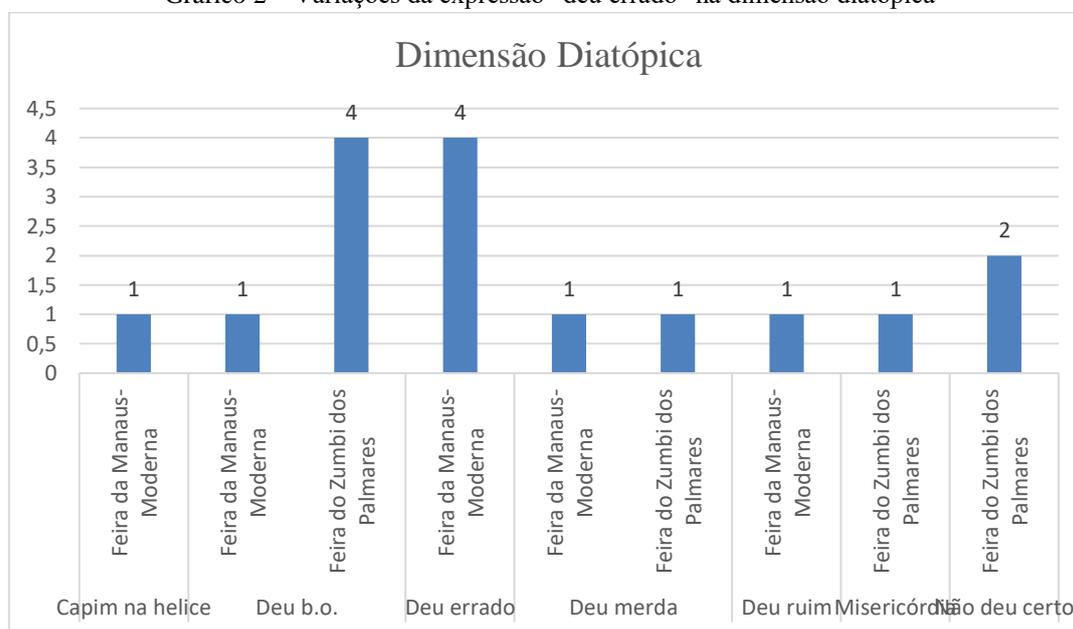
Manaus Moderna e Zumbi dos Palmares	Manaus Moderna	Zumbi dos Palmares
-------------------------------------	----------------	--------------------

Deu B.O	Deu B.O	Deu B.O
Capim na hélice	Capim na hélice	Deu merda
Deu merda	Deu merda	Misericórdia
Deu errado	Deu errado	Não deu certo
Deu ruim	Deu ruim	-
Misericórdia	-	-
Não deu certo	-	-

Fonte: Elaboração das autoras

De acordo com os dados do quadro 2, notou-se que as únicas variantes que se repetiram em ambos os pontos de inquérito foram “deu B.O” e “deu merda”, sendo a feira da Manaus Moderna a que apresentou uma diversidade maior para a variável “deu errado”, além disso, foi o único ponto de inquérito que usou a variável investigada. Logo, a norma de uso destas localidades é a variante “deu B.O.”, pois os falantes da área central usam com frequência em suas expressões diárias.

Gráfico 2 – Variações da expressão “deu errado” na dimensão diatópica

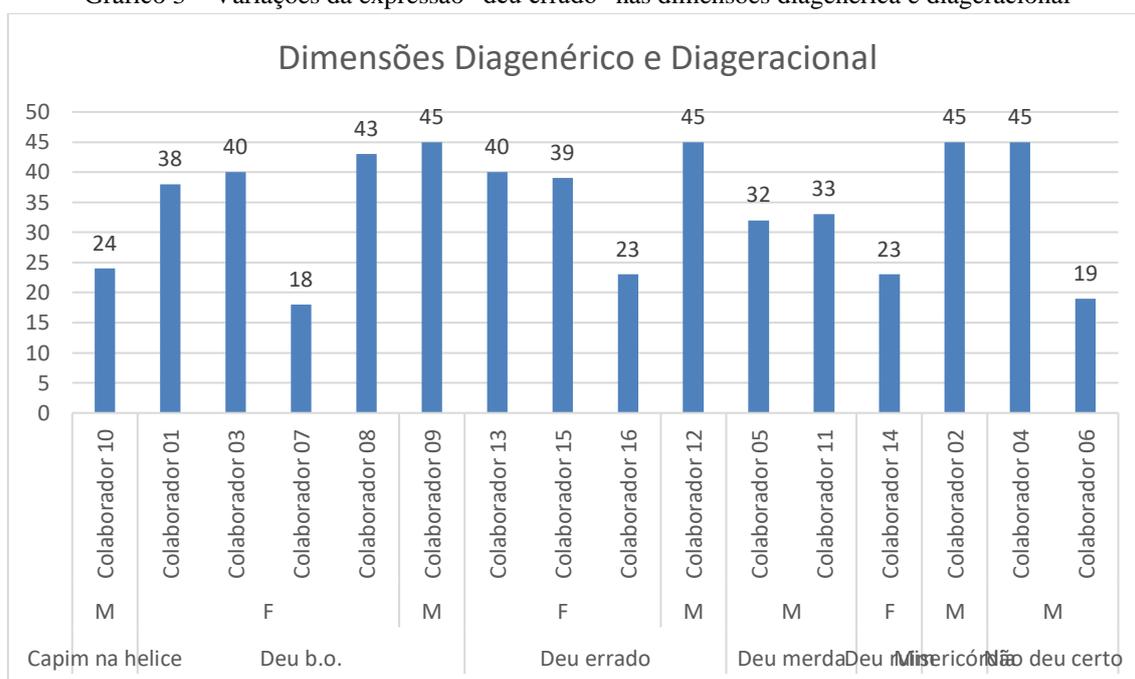


Fonte: Elaboração das autoras

As variações linguísticas da expressão “deu errado” existem em virtude da combinação de fatores socioculturais, ou seja, das relações estabelecidas em determinadas comunidades e fatores sócio-cognitivos, ou seja, no momento em que utilizamos a língua. O gráfico supracitado descreve a quantidade de ocorrência em cada lugar mencionado: “capim na hélice” (1 informante) na feira da Manaus Moderna, seguido da variante “deu B.O.” com (4 informantes) na feira do Zumbi dos Palmares, em seguida o termo “deu errado” (4 informantes) na feira da Manaus Moderna. Por

consequente, o termo “deu merda” (1 informante) na feira da Manaus Moderna e (1 informante) na Feira do Zumbi dos Palmares. Prosseguindo com o termo “deu ruim” (1 informante) na feira do Zumbi dos Palmares. A expressão “misericórdia” também aparece com (1 informante) na feira do Zumbi dos Palmares. Por fim, o termo “não deu certo” (2 informantes) na feira do Zumbi dos Palmares. Percebe-se que a constituição das mudanças pressupõe uma adesão coletiva, pois as novas formas linguísticas só serão incorporadas se forem capazes de ser compreendidas mentalmente pela maioria dos falantes e contarem com a aprovação deles. Podemos mensurar que na Feira do Zumbi dos Palmares a variante mais usada pelos colaboradores foi “deu B.O.” e na feira da Manaus moderna a variante mais usada por seus falantes é a expressão “deu errado”.

Gráfico 3 – Variações da expressão “deu errado” nas dimensões diagenérica e diageracional



Fonte: Elaboração das autoras

Na sociolinguística, a dimensão diagenérica refere-se à análise das diferenças de gênero na linguagem e na comunicação. Isso envolve investigar como homens e mulheres usam a linguagem de maneiras distintas em diferentes contextos sociais, considerando questões como vocabulário, entonação, padrões de fala, estrutura de discurso e outros aspectos linguísticos. Em nossa pesquisa procuramos analisar quais variantes eram utilizadas com maior frequência por homens e mulheres. Em relação a dimensão diageracional, procuramos verificar à análise das diferenças linguísticas e de comunicação entre diferentes gerações. Isso envolve investigar como as pessoas de

diferentes faixas etárias utilizam a linguagem de maneiras distintas, considerando vocabulário, expressões, padrões de fala, influências culturais e outras características linguísticas que podem variar de acordo com a idade. A dimensão diageracional na sociolinguística busca compreender como as diferenças geracionais influenciam a comunicação e como essas diferenças são percebidas e interpretadas na sociedade. (Cardoso, 2010, p. 19). Para melhor compreensão do gráfico acima, iremos codificar os dados: (C) colaborador e (P) posição, (I + numeração) idade e quantificação conforme descrito no gráfico acima e sexo (M- para masculino e F – para feminino, segue o exemplo: (CP1I24M – colaborador 1, Idade 24, sexo M) e assim por diante. Seguimos agora para análise: Capim na hélice (CP124SM) essa variante foi mencionada por um colaborador do sexo masculino, seguida de “deu BO” (CP1I38SF), (CP3I40SF), (CP7I18SF), (CP8I43SF), (C9I45SM) onde tivemos cinco colaboradores: 4 mulheres e 1 homem. A variante “deu errado” apresenta (CP13I40SF), (CP15I39SF), (CP16I23SF), (CP12I45SM), cinco mulheres e um homem que usam essa variante. A expressão “deu merda” foi usada somente por homens (CP5I325M), (CP11I45SM), segundo. “Deu ruim” foi usada somente por um colaborador do sexo feminino com faixa etária de 29 anos (CP14I29SF). Depois vem a expressão misericórdia (C2I455M) que foi usada por um colaborador do sexo masculino, idade de 45 anos) e por fim a expressão “não deu certo”, usada somente pelos homens (CP4I45SM), (CP6I19SM). Vieira (2011) confirma que os homens tendem a inovar, enquanto as mulheres evitam mais as formas consideradas pela sociedade “estigmatizadas”.

Considerações finais

O presente artigo foi produzido com o intuito de contribuir para a área de estudos dialetológicos, apresentando uma pesquisa inédita dentro dos dois pontos escolhidos. Os resultados atingidos durante a pesquisa apresentam sete formas diversificadas para o termo “deu errado”, são elas: deu B.O, capim na palheta, deu merda, deu errado, deu ruim, misericórdia e não deu certo.

Visto que esta pesquisa teve como principal critério o caráter diatópico, destacamos as diferenças de usos das variantes em cada ponto de inquérito. Assim ao pesquisar o uso do termo “deu errado”, pode-se notar variantes que foram usadas unicamente em um determinado local, como as variantes “capim na hélice”, “deu errado” e “deu ruim” que foram usadas somente na feira da Manaus Moderna, já as

variantes “misericórdia” e “não deu certo” foram usadas unicamente na feira do Zumbi dos Palmares. Por conseguinte, analisaram-se as variantes que se repetem nas duas localidades como: “deu B.O” e “deu merda”.

Ao fim da pesquisa constataram-se diferenças significativas de uso entre as duas localidades. Entre todas as sete variantes apresentadas apenas duas se repetem, sendo cinco delas divididas de forma exclusiva nas duas localidades. Nas realizações dos colaboradores da feira da Manaus Moderna obteve-se cinco variantes as quais parecem ser usos mais inovadores. Nas realizações dos colaboradores da feira do Zumbi dos Palmares obtiveram-se quatro variantes das quais dois são usos mais conservadores.

Diante do exposto, espera-se que este trabalho incentive as pesquisas dialetológicas dentro da cidade de Manaus, por ser um lugar de pluralidade e riqueza lexical, com um acervo linguístico que pode ser usado como rica fonte de pesquisa. E por se tratar de um trabalho de variação lexical, esta pesquisa é uma pequena possibilidade dentro das várias outras que podem ser trabalhadas dentro da área da dialetologia, encorajando assim outros pesquisadores a ampliarem os estudos da variação lexical.

Referências

AZEVEDO, O. da S. *Aspectos dialetais do português da região Norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM)*. 2013. 660.Tese. (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, 2013.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

CARDOSO, S. A. M. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

COELHO, I. et al. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012.

COELHO, I. L. et al. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2021.

COSERIU, E. *Sistema, Norma y Habla. In: Teoría del Leguaje y Lingüística General*. 3 ed. Madrid: Biblioteca Românica Hispânica / Editorial Gredos, 1973, (p.11-113).

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCHESE, E. S. F. *Gestão do conhecimento nas organizações*. São Paulo : CET, 2012

MOLLICA, M. C.; JUNIOR, C. F. *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução* / São Paulo: Editora Contexto, 2016.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

POLGUÉRE, A. *Lexicologia e semântica lexical: Noções fundamentais*. São Paulo: Contexto, 2018

POP, S. *La dialectologie. Aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques*, v. 1 e 2. Louvain: Chez l'Auteur; Gembloux, Duculot, 1950.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2002.

VIEIRA, M.S. *Apagamento do /d/: abordagem sociolinguística sob a perspectiva do gênero sexual*. *Web-Revista Sociodiaeto*, v1, n.4, julho. 2011.